

TRAVELER

A Biblioteca Pública de

Braga

3
NOVEMBRO
1973

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

{ LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

EDITORIAL

O «Cávado» meteu mais água

Normalmente o aparecimento de um jornal, mesmo que só renovado, como agora acontece com «O Cávado» é motivo de saudação esperançosa. Se se verifica, como no caso vertente, tratar-se de um órgão dirigido por amigo nosso tendo a seu lado outros amigos, então a saudação deveria ser de eufórico entusiasmo.

Acontece, porém, que o joio se infiltrou na promissora seara e logo na primeira colheita nos apresentou um cenário de desrespeito à verdade, à hierarquia e ao bom senso, que mais nos parece ele mesmo desde logo estar em desacordo consigo próprio, ou, se assim o querem, com aquilo que conhecemos dos seus responsáveis.

As referências que faz ao nosso concelho são bem o auto-retrato do seu autor e demonstram, por nhamos a verdade em seu sítio, que muitos são os que subscrevem a iniciativa da renovação do jornal, mas poucos interveem na sua orientação.

Podemos falar assim, sem peias nem evasivas, por termos a certeza de que nem o seu director, o nosso amigo Dr. Bernardino Amândio, nem os drs. João B. S. Fernandes e Albino José da Silva, (para só falarmos nos responsáveis ligados ao nosso concelho) sentem e pensam como ali se diz. Os dois últimos trabalham no nosso Concelho, vivem nas suas instituições, sabem que aquilo é falso, só falta que tenham a coragem de o afirmar de maneira a que se ouça. De resto, o dr. João Fernandes até há pouco preside C. C. da A. N. P. não deixará de sentir repulsa pela parte que lhe diz respeito, e que sabe falsa.

Há pessoas que nunca realizaram nada de útil na vida, que nunca concretizaram um sonho e que quando se vêm submergidas pelos seus próprios erros, na eminência de destruírem o pouco ou nada que resta do seu nome, apelam para o dilúvio e há sempre um rio onde tentam lavar-se, emporcalhando as águas.

Se ajudam a erguer um jornal, desertam; se montam um café, passam-no; se instalam um restaurante, transmitem-no; se tentam uma indústria, divorciam-se dela aos primeiros pingos; se montam uma vacaria, rebenta; se tentam uma pocilga, acabam com ela; se experimentam uma exploração de máquinas, logo as vendem; se adquirem umas terras para herdade agrícola, logo resolvem vender tudo para tapar furos... Antes de cada acto eleitoral põem-se em pontas de pés para serem vistos; como o não são, terminam esses actos sempre em guerra passiva ou activa contra o regime. Desde novos tiveram homens que lhe deram a mão, até um canudo... mas quem sempre traíram até na sua gloriosa memória. Aos outros capítulos não vamos, que o mundo não se acabará hoje.

Só neste Concelho logra-

O Grémio da Lavoura vai receber 250 contos do Ministério da Justiça

Por officio do gabinete do Sr. Ministro da Justiça acaba de ser comunicado à Câmara Municipal e ao Grémio da Lavoura que o titular da respectiva pasta finda de conceder a importância de 250 contos como subsídio de compensação pela oferta dos terrenos destinados ao Palácio da Justiça.

Assim se coroaram de êxito as diligências feitas pelos senhores Drs. Paulo Macedo e Joaquim Pereira da Silva, respectivamente presidente da Câmara e presidente do Grémio do Lavoura, para que se recebesse esta compensação que será usada para incrementar as atribuições do Grémio e da Cooperativa Agrícola, no conjunto agro-pecuário que se pretende montar.

ram um pouco de ser, mas também aqui ingratamente pagaram a quem lhes deu o que não mereciam, para que não tinham aptidão nem vocação. E, agora, precisamente porque não suportam o barco, vai de tentar tapar os rombos no casco para poder deslizar nas águas mansas do Cávado...

Há, porém, sintomatologias que pesam como chumbo. O jornal em questão foi aqui vendido à socapa até que um grupo de funcionários e estudantes se dirigiu à gerência do Café, seu depositário, exigindo que o retirassem, ou se retiravam. O responsável, que aqui só passa como gato por brzas, sofreu outras retaliações, um nada desprimorosas.

Alguém se deu ao trabalho de contactar com os dirigentes de todas as instituições de índole concelhia a saber se algum se queixava ou admitia a hipótese de officios, exposições ou telegramas serem assinados abusivamente por outrem, recebendo em toda a parte a confirmação de que se tratava de uma mentira absoluta. Uma notícia com este e outros argumentos foi dirigida ao jornal «O Cávado» não nos sendo possível saber neste momento se foi publicada.

Inunda-se «O Cávado» de agravos, porque há exposições assinadas contra um indivíduo, que é o escrevente, sem que se lhe permita a defesa. Devaneio de advogado, certamente, porquanto os inquéritos ou procedimentos pedidos superiormente o foram em papel timbrado, com assinaturas bem legíveis e conhecidas e em andamento de decisões tomadas dentro das atribuições respectivas. Essa pessoa já foi chamada e vai tormal o se-lo, já conhece tudo, que mais quer?

Razão de queixa tem-na o Concelho e os pais dessas crianças que de há tanto tempo aguardam um procedimento disciplinar que tanto tarda e que tem de vir repôr em normal funcionamento uma Escola que vive em péssimas condições.

As pessoas que têm evita-

Erro da Existência

Escreve — Militão Porto

Cada vez que me lembro do tempo percorrido (e não sou saudosista) mais arreigo no íntimo a insensatez da modernidade, pretendente à sociologia, à tecnologia, à arteologia, à literaturológica, já que se espera enquadrar em toda a arte e até a política o termo arquitectónico, *lógia*

Verifico então, o erro consumado que me compraz em classificar de erro da existência, pelo que contem o existencialismo da vivência. Mas por toda a parte surge intelectualidade a definir a circunstância dessa vivência. Vivência que, afinal, atraiçoa a maneira de viver, pela maior parte do campo do pensamento, onde as ideias se pervertem em holocausto à nova forma de intelectualizar. No entanto, os homens valem consoante o seu ideário. Nesta perversão ideológica, amalgamada na tecnologia de que se serve a mentalidade aristocrática da Arte, esta define-se em função da facilidade ou da dificuldade de expressão. E quando a modernidade se encontra perante dados perfeitamente aliciantes e reais recusa, insensível, enfrentando a Arte, símbolo augusto da existência, raiz poderosa da criatividade, como paralelogismo pretensioso que o Mundo de hoje abomina.

Jornalismo também é Arte. Diferencia-se da estética, mas tem no seu «eu» o sorriso, a tragédia, o azedume e a notável coordenação dos elementares preceitos. E é aí, na observação impoluta do jornalista, que reside a seiva da raiz artística.

do esse procedimento ainda não de ter de que se queixar, porque nunca deixaram de o ter todos quantos, em qualquer tempo, de qualquer forma, favoreceram um «ingrato pinta alminhas».

A mais recente vítima, o Prelado, que analise agora de como eram de crocodilo as lágrimas de quem lhe pedia vingança para um digno, esclarecido e aprumado sacerdote.

Entretanto digamos como o nosso amigo cá do lado: Deus e o tempo.

Sirvo-me de um belo período de antologia jornalística saído no nosso número de 20 de Outubro passado:

Diz a certa altura a nossa reportagem, sobre a cerimónia da comemoração dos 64 anos dos Bombeiros de Amares:

«...Era à hora em que, no Outono, o ar se tingia de uma cor indefinida.

Tudo à volta, desde os vinhedos às copas dos pinheiros e mesmo ao restolho que já há pelas almargens, nos

«Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

«Fragile est notre Monde» — título de um filme que tive a sorte de ver, em Lisboa na Feira das Indústrias, já há meses, que a UNESCO mandou fazer e que por iniciativa da Cometa — uma grande empresa portuguesa — foi ali exibido, para demonstrar quão pernicioso é a poluição e porque a nossa vida é frágil, como consequência de residir o mundo encaixotado nos enormes arranha-céus, cada vez mais altos e cada vez mais juntos, lembrando caixas sobrepostas para exportação.

Exulte com o filme, bem delineado e perfeitamente integrado no envenenamento da existência através dos detritos que dia a dia as mais numerosas fábricas atiram cá para fora dirigidos à terra, aos rios, aos mares... E assim se vai destruindo a vida, em nome do progresso necessário, mas que poderá transformar-nos também em poluição.

O fundo do filme, que a UNESCO procurou transmitir ao mundo, como alta organização humanística, da ONU, é exactamente prevenir e precaver, pois é premente a procura de fontes naturais, quer de água, quer de ar para todos e especialmente pelo crescimento poderoso da população universal.

Lembrei-me hoje do filme, para concordar com o seu acerto: «Fragile est notre Monde», quando lia algo so-

(Continua na 4.ª página)

- DESFECHO DE UMA ILUSÃO -

Sabia-se, desde há meses, que algumas centenas de jovens entontecidos pela propaganda de certos «cultivadores do Yoga», sobretudo em Londres, haviam resolvido abandonar «para sempre» o Ocidente e buscar a «paz ideal», em pleno Tibet. À custa de mil sacrifícios, em muitos casos, conseguiram atingir Lhassa, a famosa «cidade santa» dos Lamas. Pelo caminho, estropeados ou mortos—assim informam de Nova Delhi—ficaram não poucos dos utopistas. A droga minou-lhes as energias. Os excessos de todos os géneros reduziram-lhes as resistências físicas e morais. Andrajosos, fustigados pelas mais cruéis experiências, famintos acolá, cobertos de feridas e de mazelas mais além, perseguiram um «sonho», fascinava-os uma ilusão tão velha como o próprio Mundo. Rolaram na degradação. Caíram em poder de bandidos que os sujeitaram às piores objeções. E acabaram, alguns nem se sabe onde, nem como. Chegaram vagamente informados, cerca de meia dúzia, aos consulados respectivos. E foi tudo.

Mas houve os que, menos infelizes nas jornadas, alcançaram o coração do Tibet. Entraram em Lhassa, parece, com o júbilo ingénuo de quem descortina a Terra da Promissão. Ninguém pareceu atribuir-lhes a menor simpatia ou concretizou a «fraterna hospitalidade» que os propagandistas lhes tinham prometido. As muralhas do Grande Mosteiro não lhes ofereceram a menor brecha. Mas eles conservavam a suposição de que, em dias, tudo mudaria. E que viriam os monges recebê-los, acarinhá-los, premiar com sua fraternidade o seu entusiasmo de neófitos.

Não tardou que fossem obrigados a reconhecer a repulsa com que os bonzos olhavam as suas cabeleiras intensas e os seus adornos extravagantes. Longe de os admitirem junto do Mosteiro, marcaram-lhes um sítio arredado de Lhassa, nos subúrbios, em local batido pelo vento mais agreste do Himalaia. Depois, surgiu-lhes a tremenda realidade. Vieram os grupos de Khambas, aguerridos, indomáveis - cuja guerra é mantida em silêncio por Pequim, por Nova Delhi e, inclusivê, pela Rússia e pelos Estados Unidos. O «paraíso da paz ideal» é, no fim de contas, sacudido por uma convulsão sangrenta! O mito do Tibet apenas povoado por monges cheios de sabedoria e de camponeses pacíficos desvaneceu-se rapidamente. Então — só então! — os jovens mitómanos perceberam que Michel Peissel, no seu divulgado livro «Os cavaleiros do Kham», exprime a verdade, ao

escrever: «O Tibet dos sábios videntes acabou; existe apenas um Tibet de sangue e violência, um Tibet em que se trava, noite e dia, uma guerra impiedosa, na qual colaboram secretamente as forças empenhadas em ganhar o domínio da Ásia».

Os sobreviventes da terrível aventura — sessenta, de quatrocentos e oitenta e dois que partiram—chegaram, há pouco, a Marselha. «São espectros e estão semi-loucos — escreve um repórter francês. — E anseiam voltar às suas casas, às suas famílias».

M. A.

ANEDOTA

O revisor ao passageiro:
—Tire essa mala daí, é contra o regulamento.
—Não tiro!
—Tire!
—Não tiro!
—Chamo a polícia!
—Chame!
Parado o combóio, na próxima estação, entra o guarda:
—Por que não tira a mala?
—Porque não é minha.

* * *

Quadras

Teu cabelo tem a cor
da seara já criada!...
É milagre do Senhor
ou d'água oxigenada?

Alma de humilde tem asas,
De ambicioso, rasteja:
O incenso morre nas brasas
E perfuma toda a igreja...

O vento espalha cantando
Folha a folha pelo chão,
Só não espalha as saudades
Que eu trago no coração.

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria	66133
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—Faltam-me as forças! Parece que se acaba o mundo! O! Minha querida Dolores... Que fizeste tu?...

—Cala-te, mulher!... Ia jurar que ela não tem culpa de nada!

—E o pobre Mário, na prisão! .. Ai, a sua pobre mãe, que o esperava com tanta alegria... Como ela deve sofrer, coitadinha!—e pôs-se a chorar.

—Não chores Carmencita!

—Se não hei-de chorar!... Tu não pensas no que dirão em toda a parte?...

«No nosso bairro, no estabelecimento... O que dirão dela as línguas viperinas!

—Não te apoquentes, rapariga. Volta as costas ao mundo.

—Ai, meu amigo!... Se tu soubesses quantas vezes, lá na oficina, me largavam piadas a respeito de minha irmã!... «Que se D, Leandro a levava de automóvel, se a favorecia, não era pelos bonitos olhos dela!...»

—A minha mestra chegou a dizer-me que era preciso ter cautela porque não era fácil por um dique aos comentários!

—Isso é verdade:

—Que desgraça!

—Vamos, tem ânimo!

—Animar-me?... Eu posso lá.. É a honra da minha irmã que está em jogo. Está à mercê da má-língua do mundo. E eu posso jurar-te, meu «Pardal», que minha irmã é boa. Tem um grande coração e o seu amor por Mário não pode ser maior. Não, não acredito. Minha irmã era incapaz de uma traição.

—Também creio que fosse um equívoco, motivado pelo excesso de ciúmes.

—Mas é uma vergonha!

E as lágrimas marejavam os seus belos olhos verdes.

Encarando, então, o «Pardal», disse-lhe:

—Eu não vou a casa!

—Enlouqueceste?

—Não, não vou a casa. Podem lá estar os guardas para me prenderem, para me tirarem o menino... Não, «Pardal», eu não volto a casa!

—Sim, se lá estiverem os guardas...

—Não volto mais a casa, não! Mas, para onde havemos de ir? Tínhamos uma casinha pobre, mas limpa e agradável. E agora, não tenho nada, nada «Pardal»!

—Tens-me a mim!

—Tenho-te a ti?!

—Pois claro. A mim, ao menino e ao cão. Eu encontrarei uma casa onde caibamos os quatro.

—Com que dinheiro?

—Também hei-de arranjar o dinheiro. Não te preocupes. Eu ainda tenho mãos!

—O quê? A engraxar calçado é que tu hás-de ganhar dinheiro para pôr uma casa? Ai, Pardal que desgraça a nossa!

—Corações ao alto, rapariga! Tu tens, porventura, culpa do crime?...

—Não, mas... E a minha irmã?... Quero-lhe como se fosse minha mãe; porque a nossa morreu quando eu ainda era muito pequenina; quase não me lembro dela. Dolores é que tem sido a minha mãe! E agora, perco-a! Perco tudo, meu Deus.

Carmencita tinha a noção exacta da sua terrível situação. Não podia regressar a casa porque tinha vergonha. Ela calculava o que iria pela bairro, na boca das vizinhas.

Na rua de la Paloma, certamente, não se falava noutra coisa, senão de Dolores e do crime que o noivo praticara por causa dela. Se a vissem aparecer, aponta-la-iam a dedo, far-lhe-iam mil perguntas e martiriza-la-iam com comentários.

—Oh! não, isso não!

Por outro lado, Carmencita temia os guardas de Polícia. Receava que fossem prendê-la, que lhe perguntassem de quem era aquele menino. Podiam até supor, como acontecera com o próprio Mário, que a criança era filha de Dolores e dos seus amores vergonhosos.

E se lhe tirassem o seu querido menino para o meterem na «rola», conforme lhe dissera o «Pardal»?

E ela por nada deste mundo queria separar-se do seu pequenino. Seria sua mãe, embora à custa dos maiores sacrifícios.

Estava sem colocação, sem dinheiro, e sem casa, visto que resolvera não voltar à sua, que ela considerava desonrada por um crime.

O que ia ser dela? O que seria daquela desditosa criança, recolhida pela miséria em pessoa, tendo nascido num palácio entre tufo de renda e num berço de ouro!

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Camilo Castelo Branco (1826 - 1890)

Camilo, o mais fecundo polígrafo português, é um dos escritores cuja biografia mais necessária se torna para a interpretação da personalidade literária. Muitas vezes no mesmo livro, edifica e blasfema, faz rir e provoca lágrimas, é pondeuroso e chocarreiro; era um doente de espírito, mas de invulgar talento literário. Habitou em várias localidades, mas pouco tempo passou em Lisboa, onde nasceu. Nevrotico por hereditariedade, teve desde a infância vida atormentada. Orfão aos 9 anos, foi viver para a Samadã, Trás-os-Montes, onde tinha uma irmã.

Veio da Capital por via marítima, e o navio, em vez de ancorar na cidade da Virgem, arribou ao porto de Vigo. Foi daqui que Camilo, jornadeando pelo Bom Jesus do Monte, aonde foi de capelinha em capelinha, em cumprimento de uma promessa feita durante o trajecto, se dirigiu à pitoresca povoação onde passou mais de seis anos sem que a irmã conseguisse domar o seu rebelde temperamento.

Aí teve os primeiros amores e casou-se em 1841, com D. Joaquina Pereira, camponeza, de quem teve uma filha. No ano seguinte, não se sabe bem porquê, abandonou a filha e a mulher, que morreu pouco depois.

Novos amores com a célebre, Maria do Adro, teve de fugir de Trás-os-Montes. Dirigiu-se a Lisboa, onde não se sentiu bem, veio para o Porto aonde frequentou a Escola Médica e a Academia Politécnica, obtendo em 1844-45 diploma de química e botânica, voltou à Samadã aonde o esperava nova aventura amorosa.

Enamorado de Patrícia Emília a terceira vítima dos seus «instintos» amorosos prendo-no por rapto e entra para a cadeia da Relação do Porto, onde entrou em 1846. Solto dias depois por ter legalizado a situação fixa residência na Capital do Norte aonde estava à vontade para dar satisfação à sentimentalidade romanesca. Em 1849, Pinto de Magalhães e Esteves Negrão, amigos íntimos, o impediram de dar cabo da vida, por não poder conciliar dois amores que lhe escaldavam o peito. Da Pátria, a quem abandonou, depressa se esqueceu. Mais custosa era a tarefa de resistir às seduções da «mulher fatal», Ana Augusta Plácido, esposa de Manuel Pinheiro Alves e

que, por ser casada não podia contar com o seu amor e por todas estas aventuras doentias fez-se seminarista e chegou a requerer ordens menores!... Não lhe foram concedidas e raptou Ana Plácido. Em 1890, desgostoso pôs termo à vida, com um tiro de pistola.

Esse «gigante», que ainda hoje apaixonava o Mundo que lê a sua prosa literária foi humanamente um micróbio nefasto há sociedade pelas loucuras que praticou. Não pude conciliar o talento com a qualidade pessoal exigida pelo seu valor mas valeu a pena suportá-lo porque deixou ao país e também ao Mundo inteiro, que conhece as suas obras literárias, as indelévels qualidades do génio Luzinano no vasto campo da literatura.

Eça, Camilo, João de Deus, Garret, Alexandre Herculano e Júlio Dinis constituem uma equipa de valores dignos do maior respeito pela riqueza que nos legaram, riqueza essa aproveitada por milhões de leitores das suas obras tanto nacionais como estrangeiros.

Elísio Gonçalves

Acácio Dias Magalhães

No próximo dia 8 passa mais um aniversário natalício o nosso dedicado e estimado assinante sr. Acácio Dias de Magalhães natural de Barreiros e radicado no Canadá, mas actualmente em férias entre nós.



Estará, portanto, a selecta Família Magalhães de Barreiros em festa para festejar o aniversário deste seu membro, ao mesmo tempo que os amigos de Barreiros o felicitam vivamente, não esquecendo um abraço do amigo às ordens António de Sousa.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, passa mais um aniversário natalício o sr. Ramiro Antunes, chefe do Escritório da Modelar a quem desejamos um dia muito feliz junto de sua esposa e filhinhos.

Amanhã, die 4, passa também mais um aniversário natalício o sr. José Fernando da Silva, nosso estimado assinante, natural de Lisboa, esposo da sra. D. Esmeralda Gonçalves a quem desejamos muitas felicidades.

No dia 5 a Sra. D. Estela Arantes Meneses.

No dia 6 o nosso assinante sr. João de Jesus da Silva Pereira, comerciante em Sá da Bandeira, e natural de Crespos.

No dia 8 o sr. António de Azavedo Sá Coutinho Rússell e o menino Lino Fernandes Pereira do Lago.

No dia 9 a sra. D. Lídia Ferreira Ferradais.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

Aniversário

Passa no próximo dia 9 do corrente o seu aniversário natalício, o nosso amigo e assinante senhor António da Silva, residente em Mem Martins - Sintra.

Por tão alegre dia, sua esposa, filhos, genros, netos e demais família, desejam-lhe muitos parabéns e fazem votos que esta data se repita por longos anos.

Tribuna Livre igualmente se associa, desejando-lhe muitas felicidades e votos de que passe um dia bem alegre.

Parabéns

ENTRE NÓS

Domingos Flor M. da Silva

Depois de mais uma longa estadia no seu mister, regressou para um período de férias junto de seus pais o sr. Domingos Flor Martins da Silva, embarcado, nosso conterrâneo e estimado assinante.

Estimamos vê-lo feliz e alegre junto de seus pais e demais familiares e amigos e que goze umas merecidas e felizes férias.

COMEÇAM A ENTENDER!

Depois de um longo período de confusões — e até de atitudes que não primaram pela insenção — os órgãos de informação escandinavos começam a entender o que sucede nas províncias ultramarinas em que xercemos o direito da legítima defesa. Vários grandes jornais se manifestaram já, reconhecendo que estamos a «enfrentar um terrorismo de inspiração estrangeira» e que esse terrorismo (irmão gêmeo do que sugerir ao presidente Nixon a sugestão de uma «frente defensiva» internacional) tem sido batido em todos os pontos da sua criminosa actuação.

Agora, em plena Rádio Nacional da Suécia, a causa portuguesa motivou um debate entre o escritor Gunner Unger e o jornalista Olle Waestberg. Com posições diferentes, seguindo ópticas não coincidentes, estes dois homens representativos, gozando de larga audiência, travaram discussão partindo dessas posições opostas. Gunner Unger, autor de um livro em que a verdade portuguesa é posta a claro, reduziu a farrapos os frágeis e tendenciosos pontos de vista de Waestberg, cujas opiniões se fundamentavam, afinal, em escritos por demais tendenciosos do inglês Basil Davidson.

Com a convicção filha da observação directa e de um conhecimento exacto e comprovado, Gunner disseceu a

argumentação do jornalista. E a linguagem firme do que sabia esfacelou quanto poderia dizer aquele que apenas navegava das águas sectárias de Davidson!

«A franqueza das guerrilhas antiportuguesas não é por falta de ajuda exterior, mas por carência do auxílio das populações» — concluiu Gunner. Mas foi mais longe e deu a Waestberg uma salutar lição; Até oposicionistas portugueses mais qualificados — disse — reconhecem que a saída de Portugal da África daria lugar a sangrentas e terríveis lutas, não apenas entre os próprios movimentos terroristas, e dentro destes, como entre os múltiplos grupos raciais e étnicos, o que agravaria consideravelmente a situação no Continente Africano. «É que esclareceu com múltiplas razões — a posição portuguesa na África é muito particular, não só pela permanência de cinco séculos, mas igualmente pelos aspectos místicos, históricos e jurídicos de que se reveste, reforçados pela inexistência total de barreiras raciais.»

Ao mesmo tempo, Gunner demoliu os erros de óptica judicativa de Waestberg e o famigerado livro sectário de Davidson, um reconhecido cúmplice cooperante do terrorismo anti-português.

M. A.

«A RIVAL» — CASA DE FASTO

DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — papas de sarrabulho e cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

Democratização

do Ensino

Tem sido ingente a obra já realizada no campo do Ensino pelo actual Ministro da Educação Nacional.

Acresce ainda que ela abrange todos os graus do Ensino, desde os Jardins de Infância até ao Ensino Superior.

Fundadas Escolas Preparatórias em todas as sedes de concelhos e meios populacionais mais densos, pretende-se atingir todas as crianças e com carácter obrigatório.

Assim se têm conjugados os esforços do Ensino Directo e Audio-Visual para dar a todas as crianças um maior nível cultural.

No entanto, segundo a lei em vigor, são apenas abrangidas, em carácter obrigatório, as crianças que vivam a quatro quilómetros da escola, ora ensino directo, ora audio-visual. E as outras? Refractário como é o povo português ao desejo da cultura, cá estamos nós a criar zonas brancas, crianças que se ficam apenas com a instrução primária. E à praga do analfabetismo que se situa hoje em larga escala para além dos 30 anos, irá suceder a praga doutras gerações sem o curso complementar da instrução primária.

Julgo que um problema deve equacionar-se desde já, antes que seja tarde. E será a Escola Preparatória de cada concelho que deve ver o problema.

Se num olhar de relance pensarmos neste concelho, poderá perguntar-se:

a) — As populações escolares de Lago, Caldelas e limítrofes estarão a cumprir a obrigação da frequência do Ciclo?

b) Estarão a frequentar a escola para além da instrução primária as freguesias de Goães, Vilela e Seramil?

c) E as que caem sob a alçada da Lei, a menos de 4 Km. da escola, terão cumprido o dever da frequência do Ciclo?

É sabido que actualmente o concelho é coberto por 2 escolas preparatórias: Bouro e Feira Nova. Mas não bastam. Importa fundar novos centros e a menos que haja transportes colectivos gratuitos para todos.

O problema terá de ser pensado e resolvido com a brevidade que as circunstâncias exigem.

Com postos de Telescola ou com novos centros de Escolas Preparatórias? Qualquer das soluções me parece viável.

Mas não me custava nada a crer que houvesse uma só Escola preparatória com 3 centros: Bouro, Amares e

Caldelas. Seriam secções da mesma escola.

Pensou o Ministro que este ano lectivo se pudessem atingir com o Ciclo e Postos da Telescola todas as crianças, e ainda ter coberto todo o país em 1979 com os 4 anos de Ciclo obrigatórios.

Mas se não acordamos a tempo, se não se forçam os pais, chegaremos a 1979 e o Ciclo terá dado os seus benefícios apenas a uma quota parte dos portugueses.

Faz pena que numa freguesia todas as crianças após a 4.ª classe vão para o Ciclo e logo na vizinha as crianças terem atingido o maior grau de cultura no fim da 4.ª classe.

Urge remediar o problema e é aos Directores das Escolas que incumbe tal obrigação.

Estudar o problema local é, no nosso caso, o problema a resolver pelas 2 escolas existentes.

Duas escolas não significa viver paredes meias, não significa guerrear-se, não significa disputa de competências, mas, mais do que isso, significa dar-se as mãos para, em conjunto, promover a renovação cultural das crianças.

Significa atizar as estruturas básicas de hoje para construir o Portugal de amanhã. Oxalá este Lectivo sirva para verificar a frequência escolar no Ciclo e comparem com a possível.

Deste modo, no próximo ano lectivo, o número da frequência do Ciclo irá ser multiplicado por três ou quatro.

Se este problema for equacionado, então sim importa pensar a sério na segunda parte do Ciclo, isto é, no 3.º e 4.º anos.

M. F.

Telefones dos Bombeiros

ros V. de Amares

62162

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

A Nação votou no Chefe do Governo

Decorreu, como estava programado, no passado domingo, o acto eleitoral para designação dos novos deputados da Nação.

Tal como se esperava a Nação votou nos candidatos da A. N. P. em número a expressar inteira adesão aos princípios defendidos pelo seu Chefe.

No Concelho de Amares a afluência às urnas foi notória, sem dúvida a mais numerosa de sempre. É interessante frisar que os nossos recenseamentos subiram significativamente a ponto de dentro do distrito termos um eleitorado que fica em sétimo lugar.

A percentagem de votantes no nosso Concelho foi de cerca de 86.º e à freguesia da Feira Nova, em que o recenseamento teve um aumento de 100% e, mesmo assim, há muitas faltas em virtude do constante aumento de população que trás até nós muitas famílias novas que por serem desconhecidas passam aos recenseadores.

Foi uma jornada cheia de significado a dar-nos a nota feliz de que o País sente a responsabilidade da hora que passa e sabe responder à chamada daqueles que vêm realizando uma obra notável.

5.ª COLUMNA

«Continuado da primeira página»

bre a guerra israelo-árabe, onde a poluição contem tal quantidade de matérias nocivas, para além da morte imperando sobre os campos da batalha. E, como uma desgraça nunca vem só — como diz o rifão — também recordei que em Karachi, numa das conjuras do Paquistão, foram condenados à morte, após julgamento efectuado frente ao túmulo do poeta e filósofo Allxma Iobal, cuja sentença foi decidida, depois dos membros do tribunal terem rezado na mesquita de Badshahi e discutido após, se os condenados deveriam ser executados pela força ou fusilamento. Optou-se, porém, que os generais condenados fossem apedrejados até à morte!

A UNESCO, porém, diz-nos da fragilidade do mundo apenas referentemente à poluição. Quanto à sanha odiosa desse mundo frágil, a instituição ainda nada disse.

Ou serei eu que estou contestatário, Leitor?

EME ABRIL

Auxilie o F. C. A.

Inscrevendo-se

Como Sócio

Erro da Existência

Continuado da 1.ª pagina

parece diáfano. Transparente, ou, então, de ocre, quando as cores do ocaso se acentuam. Até o rio, ao fundo, sinuoso e largo, era um traço forte naquele tom esmaecido que envolvia a natureza. Os verdes das hortas e das plantas, corutos das árvores, mormente as cristas dos pinheiros bravos, iam desaparecendo aos poucos... Foi quando demos entrada no Solar.»

Pois bem. Se houver alguém que tenha o precioso bom senso de mostrar a um colega dos jornais diários estes antológicos perfódos, eles, arrimados pelo menos ao seu 7.º ano, logo dizem: —hoje não se usa disso.

Não! Acredito! Porque não sabem, nas suas reportagens, instilar-lhe a parte artística que merecem.

Eis o erro, hoje, do existencialismo da vivência.

SALVÉ - 3 - 11 - 73

Maria Angelina Vieira Pereira

Hoje, dia 3, a menina Maria Angelina Vieira Pereira vê subir as suas primaveras natalícias com mais uma que lhe desejamos seja muito feliz.

Seu primo Carlos, que se encontra na Guiné em missão de soberania, transmite-nos o acontecimento e, por nosso intermédio, deseja à aniversariante sua familiar as maiores venturas e felicidades.

Seus pais, irmãos e restante família, cumprimentam efusivamente a Lina, e, com um apertado abraço, desejam-lhe que esta data se repita por anos felizes e felicidades sem fim.

Parabéns

Dia de todos os Santos

No cemitério há flores.

Campas floridas, almas

desde há muito jazidas, na

mansão eterna já descansam;

e nós amanhã também lá estaremos

concerteza que sim mas Deus o sabe.

Pessoas aglomeradas rezam, junto das

campas, pelos seus entes queridos

que já lá estão, pelos pais, irmãos ou

filhos lá rezam devotadamente, outros

choram relembrando pessoa amiga, tão

querida que partiu para a eternidade.

João Manuel

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga